



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONSTRUÇÕES TIPOLOGICAS DO MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO DE VITÓRIA DA CONQUISTAIvana Teixeira Silveira
(UESB)**RESUMO:**

O presente trabalho é um estudo sobre Religião ancorado com o tema de Família, através das inter-relações fixadas pela Ação Pastoral de Membros e Coordenadores do Movimento Familiar Cristão (mais conhecido como MFC) da Igreja Católica de Vitória da Conquista. Trata-se de entender a Ação Pastoral a partir do conceito de Tipo Ideal, segundo Max Weber: de um lado, a tipologia dos Coordenadores que levam a mensagem pastoral; do outro, a tipologia dos Membros que recebem a respectiva mensagem. Com isso, a Ação Pastoral é consolidada por práticas espontâneas, variadas, descontínuas e imprevisíveis, tanto pelo sentido objetivo dos Coordenadores, como pelo significado subjetivo que ela alcança na vida dos Membros.

PALAVAS CHAVE: Catolicismo, Ação Pastoral, Tipo Ideal.**INTRODUÇÃO**

Os Coordenadores do MFC são os responsáveis diretos pela Ação Pastoral, reprodutores das práticas da instituição religiosa na qual estão envolvidos. Carregam o sentido coletivo da Ação Pastoral da Igreja Católica. Mostram os principais problemas que têm sido hoje focos da Ação Pastoral com Família: discursos, mensagens, atividades que implicam em interpretar a Família a partir do ponto de vista da Igreja.

· Mestre em Sociologia pela UFBA. Professora da UESB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História, Religião e Sociedade do Museu Pedagógico. E-mail: teisil@ig.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Se os Coordenadores impregnam o que deve ser feito em matéria de Família, os Membros são o público alvo, dizem o que se faz de fato. Como grupos familiares concretos, os Membros são os agentes para os quais os objetivos institucionais serão dirigidos, revelando o modo como a mensagem pastoral é recebida ou é repercutida concretamente em suas vivências de Família.

A Ação Pastoral faz edificar a socialização dos Coordenadores e Membros no MFC, sempre mediante situações espontâneas, variadas, descontínuas e imprevisíveis. Esta socialização dos participantes é concretizada, mediante a posição que estes ocupam no Movimento.

A pesquisa empírica propriamente dita foi feita entre os anos de 2008 e 2009, num total de 16 entrevistas¹³¹ junto a dois grupos do MFC. A localização dos grupos ficou norteadada em função da Igreja da qual fazem parte: Centro e Patagônia, respectivamente de médios e baixos níveis social e econômico. A residência dos entrevistados é quase sempre correspondente com a mesma localidade das Igrejas ou dos grupos da qual fazem parte.

A tabela abaixo permite a aquisição de uma idéia mais precisa sobre os agentes da pesquisa(*):

¹³¹ Dentro desta amostragem, incluem três entrevistas ligadas ao Clero local: Padre Tobias, da Paróquia de Nossa Senhora das Vitórias; Padre Uilton, da Paróquia Rainha da Paz; Padre Bruno, dos mais antigos da Cidade, atualmente falecido.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

COORDENADORES		MEMBROS	
MFC: Grupo Vitória	MFC: Grupo Dapaz	MFC: Grupo Vitória	MFC: Grupo Dapaz
Marina: coordenadora do grupo	Margarida: coordenadora do grupo e membro fundadora do MFC na paróquia	Paulo	Crescência
Roberto: coordenador das paróquias da cidade	Arlindo: coordenador da área	Virgínia	Sandra
Olga: ex-coordenadora de grupo e membro fundadora do MFC na cidade	XXXX	Teresa	Catarina
		Fátima	Arnaldo

(*) – Os nomes são fictícios. O grupo Vitória está vinculado à Paróquia Nossa Senhora das Vitórias (Catedral) no Bairro do Centro e o Grupo Dapaz à Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz, na Patagônia.

O Desdobramento do Tipo Ideal no MFC:

Analisada à luz da Sociologia da Ação de Max Weber, a Ação Pastoral do MFC tem igualmente o conceito de ação racional referente a fins. Disto decorre que a precisão racional da Ação Pastoral do MFC é concretizada no seu ‘trabalho com Família’¹³². Mediante isto, os dados que irei apresentar aqui serão esboçados a partir da construção idealmente típica de Weber, mais conhecida como Tipo Ideal:

A construção de uma ação orientada pelo fim de maneira estritamente racional serve, nesses casos, à Sociologia como tipo (tipo ideal). Permite compreender a ação real, influenciada por irrationalidades de toda espécie (afetos, erros), com desvio do

¹³² Esta colocação foi muito ressaltada nos meus dados empíricos diante dos Coordenadores e Membros do MFC.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

desenrolar a ser esperado no caso de um comportamento puramente racional (WEBER, 1994, pág., 5).

Portanto, é uma apreensão teórico-metodológica que tem como objetivo “ênfatizar determinados traços da realidade, até concebê-los na sua expressão mais pura e conseqüente, que jamais se apresenta assim nas situações efetivamente observáveis” (COHN, 1997, p.8). O Tipo Ideal é proveniente de estudos empíricos, mas isto não descarta a racionalidade do significado da Ação Pastoral. É bom lembrar que, estabelecer a racionalidade de uma dada ação social (aqui especificamente religiosa), é levar em consideração suas finalidades, isto é, as dimensões de compreensão do seu significado.

Em face destas colocações, vou dispor a Ação Pastoral do MFC, sob dois tipos ideais precisos: 1) **Ação Pastoral ExtraRelacional**, consolida um elo entre MFC e Igreja Católica, quer seja, Coordenador-Igreja e Membro-Igreja, de forma a corroborar o sentido institucional da referida igreja; 2) **Ação Pastoral IntraRelacional**, firma relações intersubjetivas, afeitas no cotidiano do grupo, entre Membro-Membro e Membro-Coordenador. Por isto mesmo, aqui se impregna uma dimensão de sentido intra-familiar.

As duas tipologias serão analisadas a seguir, separadamente, com o propósito de facilitar a disposição dos dados, bem como a demarcação dos conceitos. No entanto, é necessário esclarecer que nas duas tipologias, as distinções não são rigorosamente edificadas. Há uma fluidez de caracteres entre ambos os tipos, de modo que um se entrelaça com o outro.

A título de exemplo, o Encontro de Casais é uma prática pastoral do MFC, faz parte do calendário da Igreja Católica, acontece a cada cinco anos e está mais atrelado às dimensões de sentido ExtraRelacional. No entanto, uma série de aprendizados intersubjetivos são efetivados ali. Disto decorre que no desenrolar

destas tipologias algumas considerações irracionais também aparecem, sem, no entanto, ferir as dimensões conceituais racionais dos respectivos tipos ideais.

Apenas a nível de esclarecimento metodológico e por tomar como base os dados de que disponho, eu arrumei as duas tipologias da seguinte forma: 1) Ação Pastoral ExtraRelacional com os dados das entrevistas com os Coordenadores; 2) Ação Pastoral IntraRelacional com os depoimentos dos Membros.

Tipologia 1: Ação Pastoral ExtraRelacional

A racionalidade desta tipologia de Ação Pastoral é estabelecida mediante uma finalidade mais institucional/católica do que intersubjetiva. Em virtude disto, o sentido institucional da Igreja Católica, firmado nos preceitos sacramentais católicos e nos discursos do clero estão por detrás das interpretações que os informantes fazem sobre a Ação Pastoral do MFC:

O nosso projeto de trabalho, a nossa meta é levar as famílias pra igreja. De uma maneira ou de outra que a gente faz, é chamando pra igreja. E temos colhido bons resultados, graças a Deus. Por que desde o tempo em que eu estou aí, a gente vai nas casas, e às vezes pessoas que nunca foram pra igreja, não participavam de nada, a gente aconselha, pede, chama e tal[....]e quando é no domingo seguinte você já vê ela ali. (ARLINDO,GRUPO DAPAZ).

Há nesta tipologia um entrelace institucional: MFC/Família/Igreja Católica. Em face disto, há uma rotinização de práticas, mediante os quais se tornam evidentes o processo de institucionalização do MFC, de forma a legitimar os ideários da Igreja Católica, uma vez que “a legitimação é entendida como processo de internalização de valores que fornecem consciência de significado cristão a

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

condutas específicas criadas pela dinâmica da realização do sistema social”, (PRANDI, 1975, p.10). Esta rotinização de práticas da Ação Pastoral está fixada nas reuniões semanais nas casas dos participantes e ex-participantes, visitas a asilos, hospitais, e campanhas assistenciais e outras.

Existe um diferencial neste desdobramento da Ação Pastoral, uma vez que os grupos estudados se situam em dimensões paroquiais diferentes. Neste desdobramento a Ação Pastoral fica carregada de um sentido sacramental, ou seja, uma prática cuja finalidade é também propagar o noivado e o casamento religioso realizado na Igreja Católica.

No grupo Vitória, acontecem as Reuniões de Intercâmbio, o Encontro de Casais e a Preparação para o Casamento. O Intecâmbio são momentos de integração de um ou mais grupos da mesma paróquia, seja para fazer ‘trabalhos sociais’, seja para retiros, encontros. No Encontro o MFC propõe, não somente, integrar novos membros, mas também, fazer uma espécie de reciclagem diante dos veteranos. Além de pretender transmitir outros conhecimentos no campo da vida familiar, a Preparação para o Casamento tem o intuito de tornar viável o casamento religioso, uma vez que a igreja só casa aqueles que fizeram a respectiva preparação.

O grupo Dapaz também citou as Reuniões de Intercâmbio e a Tarde de Formação que é equivalente ao Encontro de Casais, porém, mais simples, envolvendo poucos gastos financeiros, haja vista o fato de o Encontro requerer mais despesas com lanches, almoço, lembranças, pastas e assim por diante. O Trabalho Missionário e a Preparação para o Casamento também foram retratados como linhas de ação do grupo Dapaz. A primeira tem como objetivo visitar famílias, não necessariamente ligadas ao MFC, com o intuito de dar assistência material ou espiritual – ‘levar a palavra de Deus’ – também a doentes, fazer batizados,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

casamentos. A segunda ação, Preparação para o Casamento, tem o mesmo propósito do grupo Vitória.

Mais um incremento na compreensão deste Tipo Ideal de Ação Pastoral ExtraRelacional está na designada referência moral de Família. Como nesta tipologia os agentes consolidam suas ações para carregarem o sentido institucional da Igreja Católica, as colocações de Fátima e Sandra, delineiam muito bem este respectivo incremento:

1)E o movimento não chega assim pro casal, 'você tem que ser assim'. Acho que ninguém tem esse direito de fazer isto, não é? O casal, o homem ou a mulher, é que tem que procurar se mudar, de acordo a convivência com os outros membros do Movimento. Tem membros que, a maioria, graças a Deus vive muito bem, e acho que é o reflexo da melhora do outro casal que ainda não está bem, é aquele que vive bem. Vai mudando de acordo a sua frequência dentro do Movimento. Um se espelhando no outro. Que sempre tem um que dá testemunho, né?(FÁTIMA, GRUPO VITÓRIA)

2)O principal que a gente procura levar nesse caso, é o exemplo de outros casais que participam. Já são frequentadores assíduos do MFC, a gente procura dar o exemplo. Olha, aquele casal ali, quanto tempo tem de convivência? Aconteceu isso com vocês aqui, porque vocês, faltaram um pouco da fé e tal, e [...]veja o exemplo de outros casais que participam há tantos anos[...]que são há tantos anos casados, né?(SANDRA, GRUPO DAPAZ).

A referência moral de Família é aquela cujo casal convive por muito tempo e que frequenta o MFC e a igreja. A frequência ao MFC é firmada nas reuniões semanais residenciais. A frequência à igreja diz respeito aos rituais dominicais da missa. Este parece ser o grande apanágio desta tipologia de Ação Pastoral ExtraRelacional.

Família que vai à igreja, que reza, cujo casal vive bem são alguns dos principais sustentáculos do sentido institucional desta tipologia de Ação Pastoral ExtraRelacional. Mas, na exegese desta interpretação conceitual de Tipo Ideal é

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

preciso tomar alguns cuidados, com o intuito de não se distorcer o conceito teoricamente retratado aqui: a tipologia da Ação Pastoral ExtraRelacional é aquela que reproduz a Família idealizada pela Igreja Católica, instituída pelo noivado e casamento religioso, monogâmica, heterossexual. Esta é uma construção meramente ideológica, foge aos parâmetros reais de práticas de Família produzidas pela sociedade como um todo.

Tipologia 2: Ação Pastoral IntraRelacional

Nesta tipologia de Ação Pastoral há um sentido intra-familiar, o que equivale a dizer que a sociabilidade destes agentes é estabelecida mediante um lócus relacional entre as reuniões regulares da semana no MFC (grupo-base) e suas famílias. Por isto mesmo, a compreensão desta tipologia de ação é consolidada, a partir das dimensões de significado que os participantes adotam no enlace MFC-Família. Na verdade é um caminho de mão dupla, cuja rotinização de práticas permite evidenciar que a sociabilização destes agentes é “construída, elaborada ou desenvolvida, em função de certas agências, mediante determinadas instituições” (VELHO, 1987, p. 80).

De início para reiterar este sentido intra-familiar, foi muito comum em especial do Grupo Dapaz, estes agentes se revelarem como fiéis católicos, desde os tempos remotos de infância. Desde criança, eles aprendem a se engajar na igreja, na catequese e nos grupos de jovens, antes do casamento. Após este último, os participantes se aproximam de grupos de Família, como é o caso do MFC. Não é raro eles estabelecerem em seus ciclos de vida como agentes familiares um aprendizado relacional entre Família-Igreja:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Eu participava antes do grupo de jovens. Aí eu já tinha aquele contato com o pessoal da igreja. Desde pequena, minha mãe me colocou na catequese, nós todos, os nossos irmãos foram colocados desde pequeno na catequese. Aí eu já tinha assim aquele amor pela igreja. E grupo de jovens, você sabe, depois de casar e ter os filhos não é a mesma coisa' (CRESCÊNCIA, GRUPO DAPAZ).

Em relação ao desdobramento das reuniões semanais, os informantes do grupo Vitória registraram uma ênfase nas discussões relativas à Família. A responsabilidade do preparo das reuniões da semana fica a cargo do casal acolhedor, porém, as leituras bíblicas, cantos e o improviso são constantes:

‘Nas reuniões as dinâmicas são livres pra serem trabalhadas. Claro, é dentro de um conceito de família, certo? Mas são várias as discussões. Às vezes a gente chega na reunião, é costumeiro, o início dar boas vindas, uma leitura. Sempre tem uma reflexão. E, às vezes, a reunião, pende muito naquela reflexão que saiu de primeira, por quê? Foi alguma coisa que se descobriu, que tocou em alguém, em alguma família, em alguma coisa que a gente pega como exemplo. Depois tem a leitura do evangelho, que a gente também faz uma reflexão em cima dessa leitura. E é sempre colocado nessas reuniões, alguma coisa que venha a ter qualquer ligação com a família, ou com um momento que está se vivendo, com alguma coisa que está se vivendo’ (PAULO).

Temas de livros do MFC, leituras bíblicas e discussões sobre Família foram os maiores enfoques citados no desenvolvimento das reuniões semanais do grupo Dapaz. A criação de filhos e a relação marido/mulher quase sempre são o centro dessas discussões. Os livros de apoio parecem, assim, influenciar nos rumos das discussões dessas reuniões:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Às vezes é um casal que está ali naquela leitura do livro, a gente vai partilhar, aquele exemplo daquele casal, sobre a palavra da família, que a gente está fazendo a reunião naquele dia. Muitas vezes a gente faz a reunião, e naquelas famílias, também, a gente recebe o exemplo delas, como elas vivem. A gente leva, como é a palavra de Deus, os conselhos, sobre educação dos filhos. Tudo isso a gente fala na reunião. Pessoas que às vezes tiver desempregado, a gente conversar com aquelas pessoas sobre emprego' (ARNALDO).

Contudo, não há uma linearidade na rotinização na Ação Pastoral do MFC. As reclamações por parte dos que têm uma participação mais constante no grupo são evidentes diante dos que não participam. Há desencontros entre o que se planeja e o que se faz de fato, os participantes quase que unicamente freqüentam as reuniões. O improviso das reuniões semanais, a ausência de materiais escritos, a freqüência descontínua dos participantes são fortes marcos da rotina das reuniões semanais.

Estas mesmas reuniões rotineiras da semana e o Encontro de Casais que acontece a cada seis meses perfazem o continuum mais evidente desta tipologia de Ação Pastoral. Nas integrações com as ações do MFC não existe somente uma iminência de transmitir conhecimentos, mas sim, trocar experiências com os demais participantes. É o que se constata com a fala de Virgínia a respeito de sua participação no Encontro de Casais:

Então na minha participação geralmente eu fico em grupos, coordeno grupos, porque a dinâmica é essa, participativa, a gente



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tem aquela explanação, depois divide em grupos, vários grupos, tem o coordenador ou um casal coordenador, depende das pessoas que têm pra trabalhar. Aí a gente discute ali os temas trabalhados na assembléia, e cada um dá a sua opinião, fala da suas experiências, então é muito bom.' (VIRGÍNIA).

É uma reafirmação do sentido intra-familiar desta tipologia, de forma que é assim que se evidencia o lócus relacional MFC-Família: eles procuram o MFC porque querem levar algum aprendizado e assim poderem aplicar os ensinamentos recebidos em suas práticas familiares. Destarte, o conjunto destas práticas nesta tipologia de Ação Pastoral IntraRelacional demonstra que “os programas pastorais representa um suporte espiritual, um suporte emocional, afetivo e material. É a escola para aprender a viver na cidade, um canal de organização para a conquista de serviços públicos, um canal de convivência a partir do culto” (CARVALHO, 1994, p. 98). Desse modo, não se descarta o fato de que este suporte no aprendizado familiar a partir do MFC, possa oferecer recursos para que estes agentes tenham melhores condições de convivência com os demais segmentos da sociedade como um todo.

Mesmo com os descompassos das reuniões semanais, existe uma situação específica atrelada à rotinização da Ação Pastoral IntraRelacional para reenfatar que, as dimensões do seu sentido são edificadas mediante o citado lócus relacional MFC-Família. Trata-se dos critérios que ambos os grupos adotam para apoiar e para intervir nos problemas dos participantes. É uma prática que acontece ante um clima de muita discrição.

Especificamente no Grupo Vitória, chamam-se as partes envolvidas particularmente através de um casal que tenha maior amizade com os mesmos, sobretudo se os problemas tiverem um caráter de maior gravidade, como é o caso

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da infidelidade conjugal. Não se pode dizer que no grupo, os problemas dos membros são efetivamente sanados, apesar dessa discreta mobilização em procurar as partes envolvidas para conversar, mas, no final das contas, importa mesmo é mantê-los no grupo. Paulo revela a preocupação que o grupo Vitória tem em esperar o momento oportuno para encontrar as devidas soluções quando os problemas aparecem:

Por que às vezes existe a desconfiança. Então não é o grupo que vai chegar e colocar esse casal no paredão e dizer, 'você está passando por um problema, eu sei, qual é o seu problema e vamos resolver o seu problema', não ! Agora o que existe é desconfiança. Como a gente convive há muito tempo, a gente começa a descobrir, que a coisa não está indo bem. A gente descobre isto por intermédio de outro participante do grupo, aquela pessoa, ou o homem ou a mulher. A gente procura uma daquelas pessoas que tem mais aproximação com ele, e (ele acaba por falar) 'eu estou passando por isso e isso mas eu não quero levar ao conhecimento do grupo'. Como nós estamos em grupo, aquela outra pessoa já chama outra pessoa da intimidade dela, e diz: ' olha, está acontecendo isso e isso [...]'. E quando menos espera, todo o grupo sabe. Agora nós não vamos ao problema, a gente vai esperar. Agora se a gente vê que a coisa está estrondando, pra algum lugar que a gente vê que vai perder o controle amanhã, até mesmo pra chegar pra essa pessoa pra dizer alguma coisa, aí a gente começa a chamar por parte. (PAULO).

Observa-se que a dificuldade é maior no grupo Dapaz em relação às formas de intervir e apoiar nos problemas dos membros. O imprevisto, o deixar acontecer para depois resolver é mais freqüente no grupo Dapaz. Isto fica muito explícito na fala de Crescência:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O pessoal cobra muito, mas na hora que tem que ser solidário acaba não fazendo quase nada. Eu estive doente uma época, poucos vieram me ver. Só dois membros vieram aqui em casa. Lá nas reuniões é só cobrança. Só cobra da gente, mas visita mesmo, pra dar uma força, apoio, falta muito isso aí. Não é só meu grupo que queixa não, muitos grupos. E eu sempre falava: 'você têm que visitar a gente, porque nós estamos precisando, poucos casais, muito problema'. Disso aí que eu já citei, alcoolismo. As pessoas se afastaram do grupo, dizendo que não iam ficar mais, porque era tudo um bando de cachaceiros. Viraram as costas pra gente e ninguém ajudou' (CRESCÊNCIA).

Todos os entrevistados do MFC declararam que suas vidas tiveram mudanças mais positivas que negativas após entrarem no Movimento. Evidentemente que as justificativas variam, mas a convivência familiar foi o foco central para esses rumos de mudança, como expressam as falas abaixo:

Olha eu me casei muito nova. Não tinha muita idéia da coisa. Eu não sei, como teria sido a minha vida sem o Movimento. Então, como logo após o meu casamento, comecei no Movimento, eu tive muitas dificuldades, financeira. Eu tive muita dificuldade de relacionamento conjugal e eu acredito que se não fosse o Movimento hoje, eu não teria essa família que eu tenho hoje. Já aconteceu eu dizer é muito fácil administrar crédito, é difícil administrar débito. Eu só tive crédito. Com essa vida, de vinte anos de Movimento, eu só tive crédito. Porque nessa dificuldade o Movimento estava junto, todo o tempo. Problemas de saúde, problema financeiro, problema conjugal (TERESA, GRUPO VITÓRIA).

O que mais mudou na minha vida, com a minha entrada no MFC, foi a convivência familiar. Fiquei mais compreensiva, procuro não discutir muito. E aí a convivência com ele melhorou muito, convivência com os filhos. Até mesmo assim, a maneira de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

orientar os filhos na igreja também, melhorou muito'(CATARINA, GRUPO DAPAZ).

Eu acredito que estas constatações reforçam o fato de que a Família “não é apenas uma instituição social capaz de ser individualizada, mas constitui também e principalmente um valor. Há uma escolha por parte da sociedade brasileira, que valoriza e institucionaliza a família como uma instituição fundamental à própria vida social. Assim, a família é um grupo social, bem como uma rede de relações.” (DA MATTA, 1987, p. 125). E no caso específico do MFC, este torna-se uma espécie de prolongamento da Família, faz parte desta rede de relações. De maneira que, o sentido desta tipologia de Ação Pastoral IntraRelacional é, sim, edificada no lócus relacional MFC-Família.

CONCLUSÕES

Existe uma notória ordem moral no MFC porque este adota uma cautela de não expor as pessoas e ao mesmo tempo evitar que elas desapareçam ou se fechem em seus problemas. Todos sabem de tudo como se nada soubessem, portanto, esses informantes, ainda que tenham muitos anos de convivência, sabem que as reuniões e demais ações não são espaços para se tomar determinados tipos de decisões perante os problemas dos participantes. O grupo percebe a dimensão do problema e a partir disso lança os mecanismos para solucioná-los, não abrindo mão, contudo, das reservas a serem feitas no seu espaço.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Assim, a construção idealmente típica da Ação Pastoral é configurada ante a uma série de vicissitudes. No entanto, a finalidade racional de se aprender a viver em Família é o grande apanágio do Tipo Ideal da Ação Pastoral do MFC, afinal, assim como estes participantes ao entrarem no MFC tem uma finalidade precisa de aprender a viver com seus familiares, eles também precisam aprender a conviverem com os demais integrantes do Movimento.

REFERÊNCIAS

CAMPOS MACHADO, Maria das Dores. **Carismáticos e Pentecostais**. Adesão Religiosa na Esfera Familiar. Campinas (SP): Autores Associados, 1994. 1994

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. A Priorização da Família na Agenda da Política Social. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). **Família Brasileira a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez, 1994.

COHN, Gabriel. Introdução. In: COHN, Gabriel. **Max Weber**. São Paulo: Editora Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1997.

DA MATTA, Roberto. A Família como Valor: Considerações não Familiares sobre a Família Brasileira. In: ALMEIDA, Angela Mendes de. (Org.). **Pensando a Família no Brasil**. Da Colônia à Modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

PRANDI, José Reginaldo. **Catolicismo e Família**: Transformação de uma Ideologia. São Paulo: Cadernos CEBRAP, n° 21, 1975.

VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In: ALMEIDA, Angela Mendes de. (Org.). **Pensando a Família no Brasil**. Da Colônia à Modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

_____. Sociologia da Religião. In: **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1994

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S/A, 1982.